

# Banco Mundial acha momento difícil

Todo ajuste econômico é doloroso e o Brasil vive neste momento uma *estagnação* — inflação com recessão. Assim, o diretor do Departamento da América Latina e Caribe do Banco Mundial, Armeane Chohsi, definiu o cenário macroeconômico brasileiro. Ele participou ontem, no Rio, do seminário Desenvolvimento do setor privado no Brasil, promovido pela Fundação Getúlio Vargas, e após ao encontro comentou em tom bem-humorado: "Não existe *bala mágica* e nem fórmula para se chegar à estabilidade; se eu conseguisse isso ganharia o Prêmio Nobel."

Chohsi informou que o Banco Mundial vem analisando vários empréstimos para o Brasil, cujos valores ainda não foram definidos. Os novos recursos serão direcionados para obras de infra-estrutura, e Rio de Janeiro e São Paulo receberão verbas para melhoria do transporte urbano. Além disso, haverá empréstimos para projetos de recursos naturais em Rondônia e Mato Grosso. O Brasil é o segundo cliente do Banco Mundial — o primeiro é a Índia — e, nos últimos 40 anos, o banco desembolsou para o mercado brasileiro US\$ 18 bilhões. Hoje o débito do país com a instituição financeira é de US\$ 8,5 bilhões.

Durante todo seminário, ao qual compareceram vários empresários, Chohsi e mais dois representantes do Banco Mundial — Demetris Papageorgiou e Geoffrey Shepherd — reconheceram que o Brasil passa por um processo difícil de ajuste econômico, mas que o presidente Fernando Collor vem tomando medidas corretas para chegar a esta-



O seminário reuniu empresários e três representantes do Banco Mundial

bilidade. "A liberalização da economia e o processo de privatização são exemplos de que o governo vem tentando uma saída", disse Chohsi.

O ex-presidente do Banco Central e secretário geral do Centro de Economia

Mundial, Carlos Langoni, comparou o Brasil à Coréia durante o seminário. Os dois países viveram problemas econômicos semelhantes na década de 80, mas a Coréia tem hoje uma renda *per capita* de US\$ 4 mil 500, enquanto o Brasil alcança

apenas US\$ 2 mil e 500. "A Coréia fez um ajustamento rápido e Chile e México estão indo pelo mesmo caminho. Já o Brasil convive anos e anos com as mesmas dificuldades sem encontrar solução", avaliou Langoni.

Isabela Kassow